

AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA: UM ESTUDO METODOLÓGICO NA ESCOLA

LUCI PASTOR MANZOLI¹

SILVIA REGINA RICCO LUCATO SIGOLO²

MARIA CRISTINA BERGONZONI STEFANINI²

ROBERTO CARLOS MIGUEL³

CLEUZA B. B. SILVA⁴

Constata-se com freqüência que o Centro de Estudos, Assessoria e Orientação Educativa “Dante Moreira Leite” recebe inúmeras solicitações de crianças, encaminhadas por escolas da rede oficial de ensino da cidade de Araraquara.

Esta prática vem se intensificando ao longo dos últimos anos, sobrecarregando os profissionais que atuam junto a este Centro.

Quando estas solicitações chegam em grande número, o trabalho na verdade fica restrito à fase de diagnóstico e o acompanhamento destes alunos fica em segundo plano. A escola traz esta postura enfaticamente pois, como se sabe, a resolução nº 73, de 1978, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo regulamenta a criação de classes especiais para deficientes mentais nas escolas que atestam pelo menos dez candidatos, caracterizados como tal, por profissionais credenciados.

¹ Professor Assistente Doutor do Departamento de Didática da FCL/UNESP/Araraquara.

² Professor Assistente Doutor do Departamento de Psicologia da Educação da FCL/UNESP/Araraquara.

³ Professor Auxiliar de Ensino do Departamento de Psicologia da Educação da FCL/UNESP/Araraquara.

⁴ Coordenadora do Projeto e ex-professora do Departamento de Psicologia da Educação da FCL/UNESP/Araraquara.

Assim, o simples fato de avaliar essas crianças e decidir se são ou não clientes para classe especial e elaborar laudos psicológicos são suficientes para satisfazer as solicitações feitas pelas escolas, como se o conhecimento do seu diagnóstico fosse capaz de resolver todas as dificuldades, sejam essas crianças portadoras de problemas emocionais, de desenvolvimento, de aprendizagem e/ou de comportamento.

Analisando toda essa situação, é preciso refletir um pouco sobre as implicações que estas condutas estão gerando.

Quando esta criança chega ao Centro para ser avaliada, já traz consigo um diagnóstico prévio de que o problema está nela, seja ele qual for, é ela que não está se ajustando à situação escolar.

Em decorrência disso, essa criança já está, de alguma forma, marcada, estigmatizada no seu ambiente escolar (Goffman, 1982), mesmo que não seja detectada nenhuma dificuldade durante o seu processo de avaliação.

Quando essa criança chega às mãos de profissionais credenciados para realizar a avaliação, só lhe resta uma atuação remediativa, pois já houve, no próprio ambiente da criança, uma rotulação de que, em algum aspecto, ela não se adapta ao seu grupo de convivência.

Dessa forma, essa atuação vem reforçando a segregação de um contingente cada vez maior de crianças dentro da rede de ensino regular.

Reverter esse processo constituiu-se num trabalho difícil, demorado e até mesmo pretencioso, pois, as variáveis que interferem são inúmeras e, muitas vezes, não são facilmente detectadas na situação.

Diante do exposto, esta proposta pretendeu abordar a avaliação de crianças suspeitas de excepcionalidade dentro de um contexto mais abrangente, ou seja, o da comunidade representada na instituição escolar. E tentar romper com o esquema tradicional do diagnóstico psicológico realizado diretamente com a criança e sua família, fora do universo escolar.

Foi preciso organizar uma metodologia capaz de levar em consideração os vários níveis de realização do trabalho escolar, coletando dados e investigando práticas que seriam direta ou indiretamente responsáveis pelo insucesso escolar de crianças encaminhadas à avaliação psicológica.

Este projeto foi desenvolvido numa Escola Estadual de 1º grau da cidade de Araraquara, durante o 2º semestre de 1987 e 1º semestre de 1988.

O levantamento de dados abrangeu vários níveis como:

- Nível Escola: investigou o funcionamento da estrutura escolar no atendimento à sua proposta pedagógica, o universo ideológico e a utilização dos recursos físicos e humanos.
- Nível Organização Didática: investigou a organização curricular, a metodologia prevista e a utilizada, o processo de avaliação e recuperação.
- Nível Docente: investigou a formação docente, suas expectativas e frustrações, interações com os pais e com a criança e sua atuação didática.
- Nível Discente: investigou as características do agrupamento dos alunos, as classes (aproveitamento, idade), bem como as características de alunos em destaque.

Em cada nível foi utilizado um procedimento específico para obtenção das informações, em função dos objetivos estabelecidos para aquela etapa. Os dados referentes a um determinado nível da pesquisa forneciam subsídios importantes para a elaboração da investigação do seguinte.

Com relação ao primeiro nível - a escola - a coleta de dados teve um caráter introdutório e pouco sistematizado através do reconhecimento físico da instituição e entrevistas com o diretor e demais professores. Dois aspectos foram levantados como os maiores problemas da escola: a indisciplina e a evasão.

É interessante notar que as observações dos professores e diretores parecem encontrar explicações nas propostas contidas no Plano Escolar. Foi possível detectar uma certa evolução nas preocupações centrais quanto as suas metas e objetivos.

Em 1987, o plano refletia um cuidado excessivo com a organização da escola, na medida em que salienta a necessidade de melhorar a sua imagem e desenvolver bons hábitos e atitudes em seus alunos (...“cultivo da ordem, do asseio e da disciplina”...).

Esta posição surgiu em concomitância à alteração da estrutura física da escola, momento em que as exigências de cuidado com o prédio novo eram muitas e os alunos por sua vez reagiram a todo contexto através da evasão e

indisciplina. Contudo, a escola não conseguiu apreender esta relação e considerava que estas reações eram provocadas mais pela origem sócio-econômica dos alunos, do que como fruto da ocorrência de uma reforma na sua estrutura física, que a transformou totalmente, passando a impor a seus alunos um contexto que não lhes era familiar.

Já em 1988 estas metas indicavam uma maior preocupação com a questão primordial dentro de uma instituição educacional - o processo ensino/aprendizagem. Estas modificações nas preocupações centrais da escola exerciam uma influência acentuada no comportamento e expectativa dos professores e que acabava por refletir na elaboração do Plano Escolar.

Um outro fato que poderia explicar tais mudanças é o da rotatividade de professores, pois a inserção de novos professores poderia provocar alterações nas metas e objetivos da escola.

Quando a análise passa a focalizar o dia-a-dia da escola e a rotina das salas de aula, fica evidente a dificuldade dos professores em efetivar o que havia sido previsto no plano e as questões mais problemáticas (como por exemplo, a disciplina) são justificadas pela origem dos alunos e o seu nível sócio-econômico, deixando variáveis relevantes como motivação, regras explícitas e consistentes de conduta sem serem questionadas. Assim, a escola fica isenta de qualquer responsabilidade, uma vez que as formas de auxílios solicitados não incluem a participação ou colaboração efetiva do professor.

Torezan (1994) destacou que “os tipos de problemas identificados pelas professoras estiveram quase que exclusivamente direcionados para o comportamento de alunos no que diz respeito a desempenho acadêmico e disciplina. Outros problemas, tais como relações entre professores e materiais pedagógicos, falta de colaboração da família, foram abordados de modo rápido pelas professoras. Todavia, questões como planejamento, objetivos, método de ensino, avaliação de alunos, por exemplo, sequer foram abordados”(p. 384).

Neste sentido, também a realização de avaliações psicopedagógicas de alguns alunos, durante o andamento do projeto, de certa forma, gerou expectativas que reforçaram a isenção de responsabilidades da escola e atribuíram a essas avaliações um valor muito grande no seu poder de diagnóstico e prognóstico.

De modo geral, os resultados das avaliações revelaram algumas categorias amplas de dificuldades enfrentadas pelas crianças, ou seja, indicadores de alterações neurológicas (30,9%), de problemas emocionais (26,5%), comprometimento intelectual (16,2%), imaturidade percepto-motora (14,7%) e dificuldades relacionadas a habilidades básicas (11,7%).

Das 39 crianças avaliadas, 7,69% não apresentaram qualquer indicador de dificuldades; 28,2% apresentaram um indicador, 46,2% revelaram dois indicadores e 17,95% evidenciaram três indicadores simultaneamente.

As crianças que apresentaram indícios de comprometimento intelectual foram encaminhadas para uma avaliação psicológica mais específica. Aquelas que apresentaram indícios de problemas emocionais foram encaminhadas aos profissionais credenciados, após entrevistas com pais ou responsáveis. Ao grupo com indícios de imaturidade percepto-motora foi proposto um trabalho de psicomotricidade, realizado na própria escola. Foi indicada avaliação neurológica ao grupo que apresentou indícios de alterações nesta área. Foi proposto acompanhamento pedagógico ao grupo com dificuldades nas habilidades básicas (lateralidade, noções de direita e esquerda, análise e síntese).

Concluindo, a efetivação desta proposta veio evidenciar que a metodologia utilizada se mostrou bastante adequada no sentido de visualizar a escola como um todo, estruturando a caracterização e compreensão de diversas variáveis que atuam neste contexto.

A partir desta compreensão clara do contexto escolar foi possível provocar mudanças na percepção da instituição com relação às origens do insucesso de seus alunos. Contrapondo-se à visão de que as dificuldades escolares da criança são provocadas apenas por uma fragilidade dela própria, implicando num encaminhamento para um atendimento especializado (Marturano, 1986). Pois, nesta prática está subjacente a visão de que o problema está na criança e por isso deve ser "tratada" por profissionais que atuam fora do contexto escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOFFMAN, E. O estigma. Notas sobre uma identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982.
- MARTURANO, E.M. - A Relação com a Criança nas Práticas Pedagógicas. Anais da XVI Reunião Anual de Psicologia, 1986, 63-67.
- TOREZAN, A.M. - Processo Ensino-Aprendizagem: concepções reveladas por professores de 1º grau na discussão de problemas educacionais. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 1994, vol. 10, n.3, 383-391.